

8M Greve feminista de cuidadoras, trabalhadoras, de consumidoras e estudantes

As tarefas domésticas e de cuidados, que sustentam o mundo, são subvalorizadas e invisibilizadas pelo sistema cis-heteropatriarcal capacitista racista capitalista, que explora todas as pessoas que cuidam da vida e, ao mesmo tempo, nos torna invisíveis e desumaniza, separando-nos entre cuidadoras e cuidados e negando a interdependência desta opressão mútua. Queremos visibilizar este trabalho essencial das remuneradas e das não remuneradas, sendo estas últimas exploradas em casa por uma divisão sexual do trabalho totalmente assimétrica e com papéis de gênero estereotipados que perduram ao largo do tempo.

Também denunciemos a situação de todas aquelas que trabalham em áreas feminizadas e precarizadas, daquelas que estão em situação irregular e de todas as que hoje não podem fazer greve. É necessário reivindicar juntas como queremos ser cuidadas e refletir sobre que tipo de suportes básicos respeitam os direitos e liberdades e quais não, quais colocam a vida digna no centro e quais não, a segregação não é uma opção. A assistência pessoal suficiente, autogerida e bem remunerada é o caminho. Queremos decidir sobre nosso corpo e nossa vida, independentemente de nossa idade, funcionalidade e diversidade. Pela visibilidade de todas aquelas que sustentam o mundo e por todas aquelas que, por falta de apoio, não podem estar aqui hoje, denunciemos a violência estrutural capacitista, racista, capitalista e patriarcal e, por isso, fazemos greve de cuidados.

Pelas trabalhadoras domésticas e de cuidados, um dos setores trabalhistas mais precarizados, que permanecem excluídos do Regime Geral da Segurança Social, sem uma série de direitos fundamentais como, por exemplo, estar protegidas pela Lei de Riscos Laborais. Não foi até o ano passado que foi reconhecido o direito ao subsídio de desemprego, mas sem aplicação retroativa, de modo que a maioria não pode aplicá-lo aos mais de 10, 20 ou 25 anos de trabalho. Nove em cada dez trabalhadores deste setor são mulheres migrantes. Das mais de 600.000 trabalhadoras a nível estatal, 200.000 são forçadas a trabalhar na economia submergida, sem documentos e nem contrato. Uma em cada quatro vive no limiar da pobreza, com salários que não ultrapassam os 800€ mensais, ou seja, recebendo 60% abaixo do salário mínimo interprofissional. O que podemos dizer, então, das companheiras que trabalham como internas em domicílios particulares, geralmente em condições de máxima exploração?

Denunciemos as violências e violações que todas as trabalhadoras de áreas feminizadas e precarizadas sofrem: as camareiras, as de assistência domiciliar e as dos serviços de saúde. Assumimos a luta das trabalhadoras agrícolas, as mulheres com deficiência, as aposentadas e as que trabalham em suas casas, cuidando de familiares com necessidades de cuidados específicos permanentes e que não recebem reconhecimento nem remuneração.

Assumimos também a luta das trabalhadoras sexuais por suas demandas. Por todas aquelas que veem seus direitos diminuídos por serem mulheres, lésbicas e trans, e todas as outras identidades dissidentes, fazemos greve trabalhista. Nas fronteiras europeias e de outros países enriquecidos pelo imperialismo colonial, os direitos humanos são violados, impune e sistematicamente. Os mesmos países colonialistas, racistas e xenófobos que saqueiam as riquezas

de suas ex-colônias, destroem os ecossistemas e as formas de produção comunitária e negam a entrada às pessoas forçadas a migrar. Diante do saque, do extrativismo e do ecocídio do Sul Global para manter o consumo desenfreado do Norte Global, as companheiras dos territórios colonizados fazem uma defesa radical do corpo-território.

As corporações oligárquicas transnacionais, dentro de um quadro de corrupção sistêmica, assassinam dissidentes e geram conflitos armados intencionalmente para se apropriarem pela força do lítio, do petróleo e de todas as riquezas dos territórios do Sul. As migrações das comunidades espoliadas seguem o caminho do exílio com risco de morte. Um total de 6.618 vítimas durante 2023 nas rotas de acesso à Espanha, e risco de violações e agressões machistas, fome e deterioração da saúde física e mental. A lei de Estrangeiros espanhola e a legislação europeia, em particular o vergonhoso novo Pacto Europeu de Migração e Asilo, vêm legitimar mais violações de direitos nas fronteiras, afetando especialmente crianças e mulheres, pois permite sua prisão em centros de internamento. A Lei de Estrangeiros também é violência machista porque nega os Direitos de Cidadania e impossibilita a denúncia de múltiplas violências, especialmente as violências sexuais, como aconteceu (e ainda acontece) com as trabalhadoras agrícolas de Huelva em 2018, que denunciaram, mas os processos judiciais foram arquivados com total impunidade. Por todas essas e outras razões, exigimos a imediata revogação da Lei de Estrangeiros.

As políticas migratórias, xenófobas e racistas não têm outro objetivo senão tornar administrativamente irregular a diáspora causada pelo saque colonial e, com caráter perverso, causar exclusão social e negar os direitos de cidadania, recusando o registro de residência e dificultando assim os procedimentos de acesso aos direitos sociais de saúde, trabalho, habitação, educação, etc. Para todas as pessoas migrantes, racializadas e excluídas, exigimos a Regularização, agora. Contra as retiradas de guarda por parte da DGAIA, pelo fechamento dos CIEs, pela derrubada das fronteiras militarizadas e pela aprovação da ILP de Regularização, no Congresso dos Deputados e Deputadas, queremos documentos para todas, e porque nenhuma pessoa é ilegal, as feministas fazem greve e denunciam a violência estrutural racista e colonial.

A direita, a extrema direita e o fascismo avançam impunemente e com violência desenfreada contra pessoas e povos em muitos lugares do mundo. Há genocídios ocorrendo agora em Mianmar, no Sudão, no Azerbaijão, no Curdistão, na Etiópia e na República Democrática do Congo. Por sua vez, o governo sionista de Israel, desrespeitando o direito internacional há mais de 75 anos, ocupa ilegalmente territórios da Palestina, discrimina, tortura e massacra a população civil e nega alimentos, água e remédios a cruelmente mais de um milhão de pessoas. O genocídio em Gaza, apoiado pela indiferença e cumplicidade dos países ocidentais, tirou a vida de 30.000 pessoas, das quais 13.000 são crianças. Contra este e todos os genocídios e contra todas as guerras capitalistas, fazemos greve feminista por uma paz justa e contra todas as violências de conquista e saque.

Diante de tanta barbárie, exigimos o fim do negócio de armas, a ruptura das relações comerciais com Israel, um cessar-fogo imediato e permanente e o fim da ocupação e do genocídio. Contra o mercado capitalista que passa por cima das vidas da maioria das pessoas, que faz comércio com a morte vendendo

armas, semeando terror e sofrimento para enriquecer uma minoria e especulando com a saúde das pessoas e do planeta, nos opomos firmemente a todas as guerras e denunciaremos e condenamos todos os genocídios.

Diante da situação de precariedade das mulheres mais jovens, que não podem se emancipar, que têm dificuldades em encontrar emprego e moradia e quando trabalham também sofrem exploração com salários de pobreza e contratos precários. E pelas estudantes feministas, livres e rebeldes, que se opõem a todas as opressões a partir de um feminismo anticapitalista e revolucionário capaz de transformar o mundo, fazemos greve estudantil.

Diante do empobrecimento progressivo de uma maioria de famílias afetadas pelo aumento dos alimentos, pela pobreza energética e pelos despejos, que gera a especulação estrutural da sociedade capitalista patriarcal, e que prejudica especialmente as crianças e as mulheres, nós colocamos a vida no centro. E contra a especulação imobiliária e os fundos abutres, exigimos uma lei de aluguel que seja justa e respeitosa com a vida. Por tudo isso, fazemos greve de consumo.

E diante do retrocesso nos direitos do coletivo LGBTQIA+ e diante das políticas feminicidas de tantos governos totalitários e misóginos, nos opomos radicalmente a todos os fundamentalismos e acusamos o sistema cis-heteropatriarcal capacitista racista capitalista de violência e criminalidade. Contra isso, nenhum passo atrás.

Não teremos uma sociedade equitativa e ecologicamente sustentável até desmontarmos o patriarcado, o machismo, a LGTBIQA+fobia, o racismo, a islamofobia, o antigitanismo, o capacitismo, a xenofobia e as bases coloniais do capitalismo. Por todas as nossas lutas, as nucleares deste 8M e todas as outras, unimos nossas vozes em um grito de emancipação de todas as opressões. Porque só seremos livres se todas formos. Juntas, com a chama incombustível dos feminismos, somos imparáveis.

Mulheres, lésbicas, trans e todas as identidades dissidentes, unidas contra a precariedade, as fronteiras e os genocídios. Viva, viva, viva a luta feminista!!!